

# Nenhum peixe aonde ir

Marie-Francine Hébert

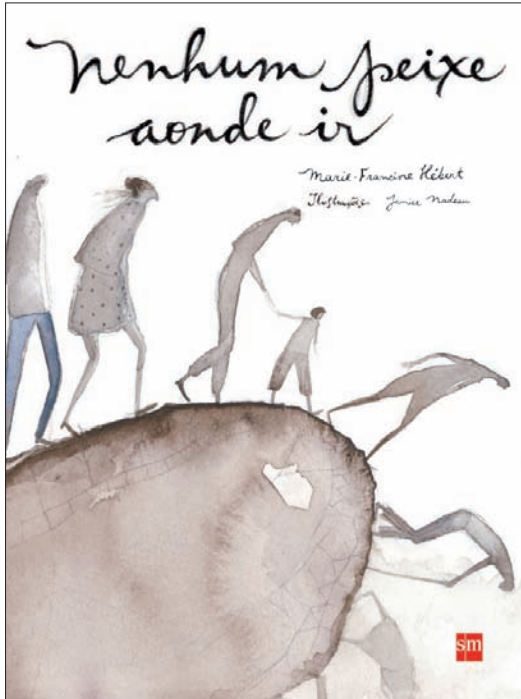
Tradução Maria Luiza X. de A. Borges

Ilustrações Janice Nadeau

Temas Guerras e conflitos; Valor da amizade;  
Importância da fantasia; Importância da literatura



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas



## A IMPORTÂNCIA DESTA HISTÓRIA

Em uma linguagem poética, com ilustrações suaves e delicadas, *Nenhum peixe aonde ir* oferece a extraordinária possibilidade de discutir — entre leitores pré-adolescentes — os horrores das guerras, de modo geral, e das guerras civis, em especial. Além da brutalidade representada pela deportação (e pelo assassinato dos homens) de uma família e de parte de uma comunidade, o texto ressalta também o valor da amizade, a riqueza das fantasias infantis e a importância da literatura.

A televisão, as rádios e os jornais veiculam diariamente números relativos a combates, rebeliões e atentados em diferentes regiões do mundo. Porém a distância geográfica dos acontecimentos e a convivência íntima entre os noticiários trágicos e as reportagens sobre futilidades ou temas leves como moda, culinária ou turismo banalizam a devastação, a miséria e o sofrimento resultantes das mortes, dos ferimentos ou da carência de abrigos e suprimentos nas regiões em conflito. A repetição co-



## LIMPEZA ÉTNICA

Refere-se à remoção forçada das pessoas de um grupo “indesejável” e que vivem em determinado território, resultante de discriminação religiosa, étnica, política ou ideológica. O termo se origina de uma expressão servo-croata e foi amplamente utilizado durante as guerras da Iugoslávia nos anos 1990.

## GUERRA CIVIL

Guerra civil é um conflito armado em que as facções inimigas pertencem ao mesmo país. Em geral, é consequência de uma luta política pelo controle do poder do Estado. As causas, como em todas as guerras, podem ser divergência religiosa, intolerância étnica ou a disputa pela distribuição de renda. A diferença entre guerra civil e revolução é arbitrária. Revolução pode conter a idéia de uma disputa ideológica acrescida da expectativa de uma reestruturação social ampla decorrente do conflito.

A guerra civil espanhola (1936 a 1939), a guerra do Vietnã (1960 a 1975) e a guerra do Camboja (1964 a 1979) são três exemplos de guerra civil. Elas poderiam ser pesquisadas pelos alunos.

Atualmente, numerosas guerras continuam ocorrendo no mundo. É o caso do conflito Israel-Palestina, no Oriente Médio. No continente africano, há inúmeras guerras civis nas regiões do Magreb, no Senegal, em Serra Leoa e nos Estados do Sahel (Mali, Níger, Mauritânia e Argélia).

tidiana desses fatos também se reflete na violência de inúmeros jogos virtuais cultivados hoje em dia pelos jovens. *Nenhum peixe aonde ir* evidencia o poder da ficção, ou melhor, da literatura: a identificação com os personagens nos sensibiliza para a perversidade da guerra por meio do contraste entre os devaneios infantis ingênuos de uma menina, ou as distrações inocentes de um bebê, e a violência da realidade, com a desmontagem das fantasias, a desintegração da família e a incerteza das perspectivas.

## A SOLIDARIEDADE DAS CRIANÇAS

As sutilezas que se ramificam a partir da trama principal do livro propiciam muitas vertentes de reflexão.

Antes da chegada das forças inimigas, os pais de Zolfe, a personagem principal, antecipam o perigo e falam da necessidade de viajar. A menina, em sua inocência, fantasia uma viagem de aventura e imagina as coisas que levaria consigo. A hesitação — comum e compreensível — dos pais destaca uma das grandes privações sofridas pelas crianças em regiões de conflito: a perda da confiança na capacidade dos pais de protegê-las.

Um dos mascarados que ordenam a evacuação da casa parece ser o pai da melhor amiga de Zolfe, Maiy. O vizinho conhecido, repentinamente transformado em inimigo, sugere uma situação de guerra civil, provavelmente inspirada nos massacres e na “limpeza étnica” tristemente recentes, durante a fragmentação da Iugoslávia. A idéia é reforçada pelo som de tiros que denuncia a execução dos homens da casa, separados das crianças, das mulheres e dos velhos.

Entre Zolfe e a amiga resta a solidariedade, que supera a insanidade dos adultos. O peixe no aquário que Zolfe deixa aos cuidados de Maiy é a expressão da amizade entre elas, simbolizada também pelo pequeno livro que leram juntas muitas vezes e que conhecem de cor. Esse pequeno livro acompanha a história principal e tece, em mais uma homenagem da autora à literatura, uma trama paralela de esperança, materializada na criatividade de um ceramista invisível.

## IMPACTOS DE UMA GUERRA

Apesar da conscientização crescente sobre os danos provocados pelas guerras na vida de crianças e adolescentes, estima-se que, na última década, elas causaram a morte de mais de dois milhões de crianças, ferimentos em mais de seis milhões e um saldo

## GENOCÍDIO

O termo foi criado pelo polonês Raphael Lemkin, estudioso de direito, em 1943. A definição original se restringia à destruição de “grupos nacionais”. Por outro lado, incluía não somente a aniquilação física, mas também atos para destruir a cultura e os meios de subsistência do grupo.

Após o Holocausto — o extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, que se estendeu de 1939 a 1945 —, Lemkin conseguiu que se promulgasse a “Convenção sobre a prevenção e punição do crime de genocídio” em 1948, na Assembléia Geral das Nações Unidas.

Além do Holocausto, aconteceram outros genocídios durante o século XX:

- ao longo de 1915 e 1916, durante a Primeira Grande Guerra, o governo turco perpetrou o genocídio contra o povo armênio;
- entre 1975 e 1979, no Camboja (na Ásia), os Khmers Vermelhos, liderados por Pol Pot, exterminaram dois milhões de habitantes numa população total de sete milhões;
- no final da década de 1980, Saddam Hussein comandou o massacre de curdos iraquianos com armas químicas;
- em abril de 1994, os hutus realizaram o massacre de cerca de um milhão de tutsis em Ruanda (na África).

de mais de um milhão de órfãos. Os números refletem apenas a porção mais visível e mensurável dos acontecimentos. É muito mais difícil estimar os distúrbios psicológicos resultantes da violência, inclusive o custo disso para as gerações futuras.

Em certas regiões do mundo, mesmo em tempos de paz, os riscos e as conseqüências dos conflitos armados fazem parte da vida cotidiana. A Segunda Guerra Mundial, mesclada com a sombra ameaçadora do nazifascismo e da ditadura soviética, ainda é lembrança constante no dia-a-dia dos povos da Europa Central e do Leste. Os efeitos da guerra civil responsável pela desagregação da antiga Iugoslávia continuam presentes para os habitantes dos novos países nascidos nos Bálcãs. Apenas levando em conta as crises mais recentes, ou mais noticiadas, cerca de 140 milhões de crianças e adolescentes vivem sob ameaça permanente, perderam ao menos um dos pais ou são vítimas de violência no Oriente Médio, no Afeganistão, no Sudão, nos países do Chifre da África (Somália e leste da Etiópia).

Nesse sentido, a criança brasileira seria privilegiada. O Brasil foi protagonista de guerras regionais hoje distanciadas no tempo, e sua participação nas guerras mundiais do século XX foi bastante limitada. Também houve revoltas e rebeliões, porém sempre restritas a determinadas regiões, e a história do Brasil não registra nenhum enfrentamento que caracterize uma guerra civil nesses termos. No entanto, a violência no Brasil é de outro gênero: cotidiana, desencadeada pelo desemprego, pela miséria e pela exclusão social, que privam as pessoas do direito à educação, à saúde, à alimentação e à moradia.

## CONVENÇÃO DE GENEBRA

A primeira convenção, de 1864, inaugurou o que se convencionou chamar *direito humanitário*, ou seja, um conjunto de leis e costumes de guerra com a finalidade de reduzir o sofrimento de soldados feridos e doentes e da população civil. As normas passaram por várias revisões, sendo as últimas de 1949.

- Mesmo durante as guerras, os países devem seguir certas regras internacionais. As leis fazem parte da Convenção de Genebra.
- Os países em guerra não podem usar armas químicas.
- O uso de balas explosivas ou de material que causa sofrimento desnecessário às vítimas é proibido.
- O bombardeio de balões com projéteis é proibido.

- Prisioneiros de guerra devem ser tratados com humanidade e protegidos da violência. Não podem ser maltratados ou usados com interesses propagandísticos.
- Prisioneiros de guerra precisam fornecer seu nome verdadeiro e a patente. Quem mentir pode perder a proteção.
- As nações podem identificar os mortos e feridos e informar os familiares.
- É proibido matar alguém que tenha se rendido.
- Nas áreas de batalha, devem existir zonas demarcadas para onde os doentes e feridos podem ser transferidos e tratados.
- Proteção especial contra ataques será garantida aos hospitais civis marcados com uma cruz vermelha.
- É permitida a passagem livre de medicamentos.
- Tripulantes de navios naufragados pelos adversários no mar devem ser resgatados para terra firme com segurança.
- Qualquer exército que tome o controle de outro país deve providenciar comida para os habitantes locais.
- Ataques a cidades desprotegidas são proibidos.
- Submarinos não podem afundar navios inimigos de passageiros ou comerciais sem antes retirar os passageiros e a tripulação.
- Um prisioneiro pode ser visitado por um representante de seu país. Eles podem conversar reservadamente, sem a presença do inimigo.

## QUESTÕES FILOSÓFICAS E ÉTICAS

Uma guerra é, no limite, uma disputa violenta sobre como um território e seus habitantes deverão ser governados.

A teoria da “guerra justa” é o conceito mais discutido sobre a ética em situações de guerra e paz. São Tomás de Aquino e Santo Agostinho foram os primeiros que teorizaram sobre as condições em que um conflito seria “justo”. Síntese de valores clássicos e cristãos, a codificação da teoria da guerra justa resultou em documentos como a Carta das Nações Unidas e as Convenções de Genebra.

A teoria se divide em três partes, cada qual com seus próprios requisitos (ver a seguir). O objetivo é assegurar que as guerras sejam iniciadas somente a partir de um conjunto muito restrito de razões verdadeiramente defensáveis; que, quando as guerras eclodirem, elas sejam travadas de modo controlado e objetivo; e que as facções em combate levem a disputa a um final rápido e responsável, que respeite os requisitos de justiça.





## 1. A decisão de declarar guerra

**Causa justa** É, na essência, a reação a uma agressão externa, a defesa de uma nação que tenha sido atacada ou a proteção de inocentes ante a agressão de regimes brutais.

**Intenção correta** Um Estado deve lutar apenas pela causa justa. Motivações adicionais, como o interesse pelo poder ou pela conquista territorial, devem ser descartadas.

**Declaração pública de guerra feita pela autoridade legítima**

A decisão de ir à guerra deve ser pública, seguir a Constituição de um país e ser tomada pela autoridade apropriada.

**Último recurso** O recurso à guerra deve acontecer apenas se todas as alternativas pacíficas, em especial as diplomáticas, foram exauridas.

**Probabilidade de sucesso** O recurso à guerra não deve acontecer se não der para prever que ela tenha um impacto significativo sobre a situação, a fim de evitar a violência inútil.

**Proporcionalidade** Antes de uma guerra, o Estado deve pesar o *bem* que pode resultar dela, em comparação com o *mal*, representado principalmente pelo número de vítimas.

## 2. Conduta durante a guerra

**Obedecer às leis internacionais de proibição de armas** Armas químicas e biológicas são proibidas por muitos tratados. O mesmo não se aplica claramente às armas nucleares.

**Discriminação e imunidade dos não-combatentes** Soldados só devem usar as armas contra objetivos militares, industriais e políticos envolvidos na violação dos direitos. A população civil deve sempre ser poupada.

**Proporcionalidade** O uso da força deve ser restrito ao necessário para a obtenção do objetivo.

**Quarentena para prisioneiros de guerra** Se soldados inimigos se renderem ou forem capturados, eles deixam de ser ameaça aos direitos básicos. Devem ser mantidos em zonas afastadas dos combates e não devem ser submetidos a fome ou outras formas de violência.

**Nenhum meio que seja o mal em si** Soldados não devem recorrer ao genocídio ou à limpeza étnica, a venenos ou traições.

**Não retaliação** Se um país violar as regras de conduta durante a guerra, ele não deve sofrer retaliações, pois se sabe que elas se tornam inúteis e apenas aumentam a destruição.



## 3. Conduta depois da guerra

**Proporcionalidade e publicidade** O acordo de paz deve ser razoável e proclamado publicamente. Não deve ser um instrumento de vingança.

**Retificação dos direitos** O acordo de paz deve assegurar os direitos cuja violação desencadeou a guerra.

**Discriminação** Devem-se discriminar os líderes, os soldados e os civis do país derrotado.

**Punições** Os líderes e militares do país perdedor devem ser julgados em tribunais internacionais.

**Reabilitação e reconstrução** O país perdedor deve conservar recursos suficientes para sua reconstrução. Deve também reformar as instituições que possibilitaram a existência do regime que provocou a guerra.

## O LIVRO EM SALA DE AULA

Há duas vertentes de atividades e discussões possíveis em torno do livro:

1. De um lado, uma análise mais detida da própria trama permitiria o aprofundamento de diversos temas:

- o contraste entre as fantasias de viagem de Zolfe, as brincadeiras do bebê e a realidade violenta que se impõe;
- a hesitação dos pais de Zolfe ante o perigo;
- a relação entre Zolfe e a amiga Maiy;
- a trama do pequeno livro que une as duas meninas e o sentido que ele tem paralelamente à história principal; para isso, é interessante propor sua leitura independente, destacada;
- o pai de Maiy, a amiga de Zolfe, transformado em inimigo, mascarado;
- a escolha do peixe no aquário como objeto a ser salvo.

2. A história abre também um vasto terreno de reflexão sobre guerras, rebeliões e terrorismo, presentes no noticiário cotidiano. Diversos temas podem ser propostos para discussão, com a formação de grupos responsáveis pela defesa de argumentos contraditórios:

- será que é possível uma guerra ser justa?
- será que, por meio dos noticiários da televisão e dos jornais, temos uma idéia adequada dos sofrimentos causados pelas guerras? Será que aos poucos não nos tornamos insensíveis ao sofrimento alheio?



- o que acontece com as crianças nas guerras? Como é perceber que os pais talvez não tenham meios para proteger os filhos? Será que a pobreza e a miséria, de um lado, e as guerras, de outro, podem ter conseqüências parecidas?

Quanto ao Brasil, a reflexão a ser feita é sobre a violência presente nas grandes cidades e como ela se compara aos conflitos armados existentes em outras regiões do mundo.

Um fio condutor para toda a temática poderia ser também o papel dos que assistem, muitas vezes impassíveis, ao que acontece nas cidades, nos locais das guerras civis ou entre nações inimigas.

## DICAS

---

### FILMES

*A lista de Schindler* (1993), de Steven Spielberg, conta a história de um empresário alemão que usou sua influência para livrar alguns judeus dos campos de extermínio.

*A vida é bela* (1997), de Roberto Benigni, provocou muita polêmica por tratar do Holocausto de modo incomum: para suavizar o sofrimento do filho, o pai transforma em um jogo a prisão num campo de concentração.

*Machuca* (2004), de Andrés Wood, retoma o cenário da esquerda latino-americana e a violência das ditaduras ao mostrar a luta de classes a partir da amizade entre dois meninos de classes sociais muito diferentes.

*Hotel Ruanda* (2005), de Terry George, expõe, quase dez anos depois, o massacre contra os tutsis executado pelos hutus, em 1994, com um saldo de um milhão de pessoas brutalmente assassinadas em apenas cem dias, entre homens, mulheres e crianças.

*O grande ditador* (1940), de Charles Chaplin, é essencial para levantar a discussão sobre guerras, ditaduras e discriminação racial. Por causa desse filme, profético pelo ano em que foi lançado, Chaplin teve a cabeça posta a prêmio por Adolf Hitler.

### LIVROS

DEVALPO, Alain. *A pesca milagrosa: A guerrilha na Colômbia*. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção De olho aberto. Relatos ficcionais e histórias reais de pessoas que vivem a guerrilha na Colômbia.

MWANGI, Meja. *Mzungu*. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção Barco a vapor, Série vermelha. A amizade entre um menino negro e um branco no Quênia às vésperas da Independência, no início da década de 1950.

ORLEV, Uri. *O monstro da escuridão*. São Paulo: Edições SM, 2004. Coleção Barco a vapor, Série laranja. O dia-a-dia de um menino judeu que vive na área de conflitos entre árabes e israelenses.



POOLE, Josephine; BARRET, Angela. *Anne Frank*. São Paulo: Edições SM, 2005. Biografia ilustrada que mostra um pouco da personalidade marcante de Anne Frank e de como ela reagiu ao clima de terror instaurado por Hitler.

POWER, Samantha. *Genocídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Uma reflexão sobre os grandes massacres do século XX e a indiferença das grandes potências perante eles.

SPIEGELMAN, Art. *Maus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Quadrinhos. A história dos pais de Art, vítimas do Holocausto.

SPIEGELMAN, Art. *À sombra das torres ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Uma interpretação do ataque terrorista de 11 de setembro.

SUN TZU. *A arte da guerra*. Existem várias edições. O grande clássico sobre os princípios da guerra.

ZHANG, Ang. *Terra vermelha, rio amarelo*. São Paulo: Edições SM, 2005. Um relato franco e intenso sobre o envolvimento do autor e ilustrador chinês na Revolução Cultural.

## INTERNET

A Wikipedia é hoje excelente fonte de consulta. Os verbetes **guerra**, **guerra civil**, **limpeza étnica**, **genocídio**, em inglês e português, oferecem uma infinidade de informações, com dados diferentes nas duas línguas.

<http://pt.wikipedia.org> (em português)

<http://en.wikipedia.org> (em inglês)

*A arte da guerra*, de Sun Tzu (trechos)

<http://www.suntzu.hpg.ig.com.br/cap0c.htm>

Museu do Holocausto em Israel (em mais de dez línguas)

<http://www.yadvashem.org/>

---

ELABORAÇÃO DO GUIA PAULO SCHILLER (PSICANALISTA, TRADUTOR E AUTOR DE *A VERTIGEM DA IMORTALIDADE*);  
PREPARAÇÃO HEITOR FERRAZ; REVISÃO GISLAINE MARIA DA SILVA, CARLA MELLO MOREIRA E MARCIA MENIN

